

# Discurso de Severino Otávio em Bezerros (18.12.97)

Senhor presidente desta sessão  
Senhor diretor deste estabelecimento  
Senhores professores  
Excelentíssimas autoridades  
Senhores pais

Meus caros paraninfados:

Envaidece-me profundamente o convite feito por vocês para paraninfar, na noite de hoje, a turma do curso de magistério do tradicional Colégio São José que educa gerações há mais de 40 anos.

Envaidece-me mais ainda porque foi aqui que eu estudei.

Aqui depois ensinei e tive a honra – gratificante para um ex-aluno – de ser alçado à direção da Escola que faz parte da história não só de Bezerros, mas também de Pernambuco.

Aqui se formam todo ano pelo saber e a dedicação do seu corpo docente uma turma de professores e outra de contadores.

Não raro, essas pessoas permanecem aqui transmitindo o seu saber às gerações mais jovens e dedicando-se a uma missão ao mesmo tempo espinhosa e gratificante, que é a missão de ensinar.

Querem resultado mais prazeroso do que sabermos que aqui nessas salas passaram gerações e gerações de jovens que adquiriram conhecimentos e se prepararam para a vida?

Modestamente, minhas senhoras e meus senhores, eu me incluo entre aqueles jovens que adquiriram neste estabelecimento, abençoado por São José, parte de sua formação moral, intelectual e cívica.

A este colégio, de tantas e tantas tradições, eu tributo sinceramente uma parcela do sucesso da minha vitoriosa vida pública, que já me levou a ocupar relevantes cargos em Pernambuco como uma cadeira na Câmara de Ve-

readores de Bezerros, a chefia do Executivo municipal, dois mandatos na Assembléia Legislativa conferidos pela benevolência e a unanimidade dos meus conterrâneos e, finalmente, uma cadeira de conselheiro no Tribunal de Contas do Estado, instituição da qual sou vice-presidente e que terei a honra de dirigir pela segunda vez, a partir de janeiro, eleito que fui, ontem, em votação secreta, pela unanimidade dos meus colegas.

Aqui, repito, recebi lições de fraternidade, de solidariedade e de civismo e aprendi a exaltar e a glorificar a história de Bezerros, de Pernambuco e do Brasil.

O imperador Pedro II – o responsável pela consolidação da independência política do Brasil – deixou registrado nos compêndios de história este ensinamento singular.

“Se eu não fosse imperador”, disse ele, “desejaria ser professor. Não conheço missão maior e mais nobre que a de dirigir as inteligências juvenis e preparar o homem do futuro”.

De fato, minhas senhoras e meus senhores, somente pela educação se prepara um país para o futuro. Uma nação de analfabetos ou de uma população pouco instruída está condenada inexoravelmente a permanecer nas trevas do atraso e na obscuridade do subdesenvolvimento.

Quem já não ouviu falar, por exemplo, na história do povo japonês? O Japão é constituído por um conjunto de ilhotas encravadas na Ásia, onde as terras são escassas e pouco férteis e sem recursos naturais de nenhuma qualidade, e saiu semidestruído da Segunda Guerra Mundial pelas bombas atômicas – de trágica lembrança – jogadas sobre as cidades de Hiroshima e Nagazáki.

Pois bem, malgrado aquela destruição o povo japonês, em menos de 50 anos, tirou o



seu país das cinzas e o transformou na segunda maior potência econômica do planeta.

Pensam que isto foi obra do acaso ou acidente qualquer da natureza? Ledo engano. O Japão soube reconstruir-se pelo milagre da educação porque não se conhece país nenhum, povo nenhum, nação nenhuma, que tenha se desenvolvido economicamente sem dar educação ao seu povo.

Isto, lamentavelmente, é o que ainda falta ao Brasil. Malgrado termos na chefia da nação um homem que a vida toda esteve dedicado ao ensino, falta-nos priorizar a educação como instrumento indispensável aos que irão gerir, num futuro próximo, os destinos da Pátria.

No Brasil, como se sabe, trata-se o professor como um profissional de segunda classe. Nunca se lhe deu ao longo dos anos a importância que ele merece. Remunera-se mal o seu trabalho e não se oferece como deveria as condições indispensáveis ao exercício do seu mister.

Investe-se pouco em ensino e pesquisa. Gasta-se uma insignificância em tecnologia. Não se capacita adequadamente as universidades. O resultado deste equívoco é do conhecimento de todos nós,

O Brasil, maior país da América Latina, com mais de 100 milhões de habitantes e recursos naturais de toda ordem, terras abundantes e férteis e um povo alegre, conciliador e

pacífico, não conseguiu livrar-se ainda da carga perversa do analfabetismo.

Digo isto, meus caros paraninfados, não para desestimulá-los profissionalmente nem para secundarizar ou desmerecer a nobre profissão que escolheram.

Muito pelo contrário, o meu desejo é adverti-los para as vicissitudes que irão encontrar e ao mesmo tempo estimulá-los para que não esmoreçam na jornada da vida e saibam lutar com determinação e com despreendimento pela valorização da vossa classe.

Para concluir, meus caros paraninfados, deixaria aqui uma lição do mestre dos mestres, Rui Barbosa, sobre a qual eu lhes pediria que fizessem uma breve reflexão. Disse o grande Rui:

“Todas as leis são ineficazes para gerar o desenvolvimento e a grandeza econômica de um país;

Todos os melhoramentos materiais são incapazes de determinar a riqueza, se não partirem da educação;

A mais criadora de todas as forças econômicas e a mais fecunda de todas as medidas financeiras”.

Salve o Colégio São José!

Salve Bezerros!

Salve Pernambuco!

Salve o Brasil!

Muito obrigado a todos vocês.